



Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino - Barcelos □ Tipografia: Montariol - Braga

## O QUE SE DISCUTE NA TRIBUNA... DAS CRIANÇAS

Fra uma vez um menino, apenas de seis anos de idade, que se divertia a fazer buracos na terra com uma pázinha de madeira. De repente suspendendo a sua farefazinha, diz ao irmãozito que brincava ao seu lado:

«Cala-te» e inclinava-se, espreitando pelo buraco que tinha feito.

«Vejo os chineses, vejo os chineses!» exclamava êle.

«Vamos de-pressa, cavemos mais fundo e em breve chegaremos até onde êles se encontram».

Pôs-se então a cavar com tôda a fôrça e depois colocando o ouvido no fundo da cavidade, gritava de alegria:

«Ouço-os muito bem, são êles, são os meus chinezinhos que me chamam!»,

Antoninho, o irmãozinho, estava muito admirado e não dizia nada; depois continuaram ambos os seus brinquedos.

Era uma vez uma menina que tinha duas irmãs, Martinha e Luiza. Tôdas três amavam muito a sua



bondosa mãezinha. O Bispo dos Natchez, nome dum povo da América do Norte, tendo vindo à sua pátria, foi visitar estes seus parentes e tratou logo de despertar nela o seu interêsse pelos pobres selvagens.

«Não têm que vestir, dizia êle. Não conhecem Jesus, nem Maria; minha pequenina Helena, não sentes confranger-se-te o coração ao pensar numa coisa tão triste?»

Helena tinha os olhos rasos de lágrimas. A mãe não chorava, mas dizia a Sua Exc.<sup>a</sup> Reverendíssima:

«Por quem sois, calai-vos, ides fazer despertar a vocação nesta criança.» E Sua Exc.<sup>a</sup> Reverendíssima sem se preocupar com as suas apreensões e reclamações, prosseguia com a sua voz suave: «Os selvagens não conhecem Jesus nem Maria.»

Então, com o coraçãozinho muito apertado pelo grande sacrifício que ia fazer, a pequenina Helena pôs-se de joelhos e disse:

“Poís bem, Monsenhor, eu se-rei Missionária»,.

Acabais de ler a história dum

menino que foi um grande missionário, martirizado na Coreia, Justo de Bretonière e duma menina que depois se chamou Madre Maria da Paixão.

Mas quantos outros meninos e meninas não houve no mundo que ouviram também o apêlo dos pobres pagãos?

■

Um dia de mau tempo, quando junto de sua mãe um louro diabrete aprendia com muito juizinho a lição, entraram duas Irmãs.

Traziam umas grandes capas cinzentas, um comprido véu prêto e vinham carregadas de pesados embrulhos. Desfizeram-nos e mostraram muitas coisas bonitas, dizendo:

«Foram as pequeninas índias que fizeram esta renda. As negrinhas dos nossos «ateliers» trabalham em rãfia como nós em linho. Esta imagem foi pintada por pequenas artistas chinesas. E aqui temos livros brochados... lindas encadernações... Anais...»

Como se portava bem, ninguém fazia caso do pequenito, mas êle aproximou-se e perguntou:

«Diga-me, Irmã, há muitos selvagens?»

— Oh! há muitos. Milhares e milhares.

— Também meninos pequenos como eu?

— Sim, há muitos meninos pequeninos. Mas assim como o menino não o creio!...

São muito infelizes, coitadinhos! Muitos morrem de fome e outros são lançados aos cães assim que nascem! Não têm ninguém que os ame e depois... não conhecem Deus».



No silêncio que se seguiu a estas palavras ouviu-se um suspiro. «Tem o retrato deles?»

A Irmã deu-lhe para as mãozitas um número dos Anais e o pequeno começou a folheá-lo, mas parando de-repente, diz:

«Irmã, ouça uma coisa. No meu livro de Missa há uma oração para dizer pelos pobres pagãozinhos e então vou rezá-la todos os dias.

— Muito obrigada, meu amiguinho».

Depois a mãe saiu acompanhando as Irmãs e, quando entrou novamente, a criança estava ainda a folhear os Anais que a Irmã lhe dera... Um chinezinho recém-nascido atirado para um montão de escombros pelos próprios pais... Outra página.

Agora é um batalhão de pretinhos que o fitam com os olhos suplicantes. A sua vontade era contá-los, mas havia tantos!...

Há! são os pequeninos famintos da China!...

Centenas e centenas deles!... Como o seu olhar inspira compaixão! Como são miseráveis, os pobrezinhos! Mas o que é que êles dizem todos ao mesmo tempo, levantando as mãozitas descarnadas?... Escutai.

«Piedade, eu tenho fome». Pobres crianças!...

E a página já não se voltou mais... É que êle estava a ouvi-los.

«Portaste-te bem... Que estás a fazer?»

— Estou a ver os retratos dos pobres chinezi-nhos.

— Então ama-los muito?

— Se os amo!... Vê como êles têm fome!...

Dize, mãzinha, sou ainda muito pequenino para os ajudar?»

A mãe fitou-o longamente nos seus olhos límpidos e inocentes.

O seu olhar penetrou bem até ao íntimo... e viu uma alma de criança, pura e luminosa que se dava inteiramente. Comovida, responde-lhe:

«Meu queridinho, sim, tu podes ajudá-los. Para auxiliar os desgraçados nunca se é pequenino!»

E a criança ajudou-os.

— É êle o único ?

Ouvi :

Numa grande cidade de França, os alunos duma escola adoptaram espontâneamente uma Missão das Franciscanas Missionárias de Maria para trabalhar nela pela oração e pelo sacrificio. Noutra parte são meninas que oferecem todos os seus tesouros às Missionárias que estão para embarcar, a fim de que os levem aos seus irmãozinhos de além mar. Mais longe, não há recompensa mais apreciada do que assistir a uma cerimônia de partida e, mais longe ainda, outros reünem-se tôdas as semanas para ouvir falar das missões.

Perante as narrativas dos sofrimentos dos pequeninos famintos chineses, tôdas as crianças correm lestantemente em busca das suas economias... juntas no mealheiro.

Um pequenito de nove anos escreve à Superiora duma Missão para lhe solicitar que permita que êle a auxilie com os seus sacrificios, «a fim de ela se sentir menos só!» E tantos outros que se fazem pobres mendigos dos operários do Evangelho entre os seus condiscípulos, outros que se privam de guloseimas, outros que declaram comungar com mais fervor quando essa comunhão é oferecida pelos pagãos e outros, muitos outros ainda cujos gestos encantadores e significativos nos dizem eloqüentemente que todos querem ajudar a «converter os pequeninos selvagens»!...

Está pois nas nossas mãos tratar do seu recrutamento!

E agora nós, meus pequeninos leitores desta "Tribuna das crianças,, vamos entrar num acôrdo ?

Vós dum lado... um só coração batendo em milhares de peitos cheios de generosidade. Eu do outro. Uma pena... o prêto e o branco. Mais claramente, se quereis, uma antiga missionária e os pequeninos negros.

Ouvi bem então: sabeis que se diz muitas coisas a vosso respeito ?

Que sois todos uns bravos, genero-

sos, pacientes, animados de bons sentimentos e de maravilhosas inspirações.

Diz-se que amais muito a Deus e quereis fazê-lo amar sôbre tôda a terra. Sim, eu já o sabia.

Também se diz que os vossos melhores amigos são os negrinhos, os amarelos, os pequeninos da côr do café com leite e da côr do chocolate.

*À parte à esquerda :* «Lá isso é verdade!»

Diz-se... diz-se ainda... Oh! quanta coisa se diz mais! Mas o que importa é constatar muito simplesmente uma vez mais que as almas lípidas como as vossas são as primeiras ciosas da glória de Deus.

E depois escutai, sabeis o que querem dizer todos êsses «diz-se»? Uma única coisa: «Os pequeninos querem ser todos missionários...»

*Aplausos ruidosos...* É isso mesmo? Ah! meus amiguinhos como me sinto feliz!

Então escutai o que vos proponho: A união faz a fôrça... Ajustemos pois uma tríplice união, acôrdo amigável... cooperativo dos esforços... Com certeza já ouvistes falar assim os vossos pai-zinhos e os vossos irmãos mais velhos.

No entanto expliquemos claramente:

Vós entesourareis orações e sacrificios e nós trabalharemos.

Vós fornecereis as munições e nós combataremos.

Vós fortificareis o caminho e nós avançaremos.

E agora é não perder tempo, meus amiguinhos!

Todos estão a postos para o assalto, não é verdade?

E visto que a manobra geral é duma importância máxima para «ganhar a guerra», sou de opinião que generalizeis o gesto de alguns e adopteis todos um pequenino entre os pagãozinhos. Isso combina-se muito bem na escola e escolhe-se uma das Missões das



Franciscanas Missionárias de Maria em auxilio da qual se poderá vir de mil maneiras.

Pronto, nada mais tenho a dizer. Nenhuma idea dêste meu cérebro esgotado pelo pêso dos anos e pelos ardores indiscretos do sol africano igualará a oportunidade e a originalidade das vossas «criações».

Todavia há uma coisa que me preocupa. É que vós sois centenas a um lado, e eu com os meus «pequenos selvagens» somos milhões a um outro lado. Nem há mesmo ocasião de dar um cerrado apêrto de mão num momento de passagem!...

Mas eis uma grande novidade: para vos facilitar um certo contacto, a partir dêste ano tereis a vossa página infantil, «A Tribuna das Crianças».

Nela, pequenos apóstolos do porvir, encontrareis a resposta às perguntas que não deixareis de fazer sôbre a «vossa» Missão, a maneira de ajudar eficazmente êste ou aquêlo pôsto ameaçado, o convite a participar aos vossos colegas de apostolado ideas geniais que não deixarão de



germinar em cérebros férteis como os vossos.

Se alguns dentre vós, jovens secretários em perspectiva, têm grande prazer em manejar a pena, poderá ser pôsto directamente em comunicação com os seus protegidos e receberá cartas estampilhadas com lindos selos... Uma correspondência tal qual como a dum ministro!...

E então depois de ter batalhado valorosamente, com que alegria, meus pequeninos amigos, não leireis na vossa página as informações das vitórias obtidas!

Mas essa alegria, nunca será tão doce como aquela que cantará no íntimo dos vossos corações quando adormecerdes embalados pelos ardentes «obrigados» dos selvagenzinhos de além-mar, ou quando no belo sonho, ouvirdes o hino triunfal dum anjinho negro voando para o paraíso, que vos agradece na passagem o auxilio que tão bem lhe prestastes!...

Enviái as vossas cartas à direcção dos

*Anais das Franciscanas  
Missionárias de Maria.  
Menino Deus. Barcelos.*

## O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE...

A Missão de Mocumbi, vítima duma seca persistente que tem ocasionado grandes perdas êste ano, solta os seus gritos de aflicção.

A colheita do milho que se anunciava tão bela foi em grande parte destruída, e o pouco que restava foi ceifado pelos hipopótamos, que com tôda a regularidade, faziam a sua ronda nocturna nos campos. O pensamento no dia de amanhã torna-se pois bem angustioso.

Que vai ser feito dêstes negrinhos que vieram abrigar-se na Missão cheios de confiança? Quem sustentará estas boquinhas que acabaram justamente de aprender: *Pai nosso que estais no céu... o pão nosso de cada dia nos dai hoje?*

Não será um pouco o vosso dever, pequeninos euro-

peus? Outros meninos como vós, os vossos protegidos de África, têm fome. Não repartireis com êles um bocadinho do vosso pão tão alvo?

Ah! se se pudesse responder aos choros dêstes pequeninos famintos: «Orastes com fervor e Deus envia-vos, por intermédio dos vossos irmãozinhos da Europa, o «pão de cada dia»! E assim poderemos dizer, se todos vós enviardes muito de-pressa, não a vossa fatia de pão porque chegaria cá muito sêca, mas algumas moedazinhas para comprar com elas a mandioca indispensável e dar de comer aos nossos pequeninos.

Eis a direcção dos pretinhos: Estão com as Franciscanas Missionárias de Maria — Missão de S. Francisco de Assis de Mocumbi — Inharrime.

*Inhambane — África Oriental.*

**AVISO.** — A «Tribuna das Crianças» Assinatura anual 5\$00.

— Colónias 6\$00.

Para os assinantes dos Anais 4\$00 — Número avulso \$50.

Imprimatur.

Bracaræ, 31 Decembris 1937.

† A., Arch. Bracarensis.